

JOEL RUFINO DOS SANTOS E SUAS CARTAS PARA O FILHO: UM SIMULACRO DA PRISÃO

Joel Rufino dos Santos and letters to the son: a simulacrum prison

Rebeca Bulcão da Silva
UFPEL

Resumo: O artigo tem como enfoque a obra de Joel Rufino dos Santos intitulada *Quando eu voltei, tive uma surpresa* que reúne 32 cartas enviadas ao filho de oito anos no período de 1973 a 1974 em que foi preso político. A maior parte delas, contam histórias, além de possuir recortes de jornais, postais e desenhos com o intuito de despertar a atenção infantil. Ao longo da narrativa vai recriar o ambiente carcerário como um local utópico, para isso vai utilizar tanto a sutileza na linguagem quanto a representação por meio do conteúdo imagético. É um livro que relata a luta de um pai na tentativa de manter contato, evitar o sofrimento do filho e amenizar a saudade. A obra também será analisada sob a perspectiva de alguns teóricos e serão discutidos conceitos como o narrador, o testemunho, o trauma e a memória.

Palavras - chave: Ditadura, Cárcere, Testemunho, Cartas, Filho.

Abstract: *The article is to focus the work of Joel Rufino dos Santos titled Quando eu voltei, tive uma surpresa that brings together 32 letters to the son of eight years from 1973 to 1974 it was a political prisoner. Most of them, tell stories and also has newspaper clippings, postcards and drawings with the child care Wake-up order. Throughout the narrative will recreate the prison environment as a utopian place, so it will use both the subtlety in language and representation through imagery content. It is a book that chronicles the struggle of a father trying to connect, avoid the suffering of the child and ease the longing. The work will also be analyzed from the perspective of some theoretical concepts and will be discussed as the narrator, witness, trauma and memory.*

Keywords: Dictatorship, Prison, Testimony, Letters, Son.

O testemunho na literatura de cárcere, geralmente, descreve o ambiente da prisão e a experiência vivida pelo sujeito privado de sua liberdade. Tanto o testemunho que abrange os sujeitos que foram presos no período ditatorial quanto o surgimento de diversas formas de

manifestação de literaturas carcerárias contemporâneas, diários, relatos e memórias tem como um dos pontos principais o caráter de denúncia. Em muitos casos, essa literatura aparece no intuito de obter respostas, justiça ou reparação, em outros, para tornar explícita a situação pela qual passou a vítima.

Quanto ao propósito das prisões, observa-se que, conforme Foucault (1999), a estrutura prisional é um modelo institucional do exercício do poder, local de disciplina e de controle do detento e a violência seria justificável para garantir a ordem. Goffman (1961) afirma que é uma forma que o prisioneiro tem de pagar pelos seus crimes, obedecer a lei, além de aprender um ofício. Apesar de, em ambos os casos, a prisão ter como objetivo a reintegração do indivíduo à sociedade, práticas de punição são verificadas. Tais moldes refletem também na sociedade atual, embora o uso da violência como forma de castigo, em geral, não seja de conhecimento público.

Seguindo essa análise de prisões e testemunhos, verifica-se que na década de 60, diante do cenário da ditadura militar no Brasil houve violências e torturas que passaram a se tornar públicas, anos depois, por serem relatadas, na maioria das vezes, por pessoas que foram presos políticos. Além da violência física, era comum a violência de caráter psicológico que agredia não só a natureza humana, mas a integridade do homem. Tais fatos não foram contemplados nesta narrativa de Joel Rufino, a única evidência é citada por Thiago de Mello na abertura e, após, na cronologia explicitada no final da obra, isso se deve, principalmente, porque as cartas que foram reunidas na obra são dirigidas a um destinatário específico e tem motivações paternas.

É comum notar que a literatura de cárcere apresenta narrativas, escritas durante a prisão ou posteriormente, que relatam agruras, maus-tratos e sofrimentos daqueles que passaram por essa experiência, a obra de Joel Rufino não vai explorar esses aspectos, mas utilizando outros meios, vai recriar esse ambiente como algo utópico. O autor foi preso em dezembro 1972 por ser militante político da Aliança Libertadora Nacional, organização revolucionária que combatia o regime militar e também por ter participado do livro História Nova do Brasil que propunha uma reforma no ensino da disciplina. Diante desse fato, ele resolve manter contato com o filho de oito anos durante os anos de 1973 a 1974 em que esteve recluso no presídio do Hipódromo em São Paulo.

O livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa* pode ser enquadrado como escrita de cárcere porque o local onde ele se encontra e do qual remete cartas ao filho é a prisão. Pode ser considerado também uma obra epistolar de cunho memorialista em que o pai saudoso utiliza

cartas para que o vínculo com o filho não seja perdido e, dessa forma, acompanhe o seu crescimento.

O autor conseguiu reunir 32 cartas que foram remetidas ao filho Nelson. As cartas só puderam ser publicadas porque a mãe de Nelson as guardou, enquanto que aquelas enviadas pelo filho para Joel não foram liberadas após a sua saída da prisão.

De acordo com Peres (2007), até o século XIX, as cartas eram bastante utilizadas como meio de contato entre dois interlocutores. Pode-se observar que as cartas além de ser um meio de comunicação, porém atualmente pouco usuais, tem a função também de aproximar as distâncias. Elas são a voz do próprio autor que revelam ansiedades e satisfações que lhe afetam interiormente e, que escritas em primeira pessoa, pretendem ser documento de “verdade” (verdades essas sob o ponto de vista do autor) e confirmadas pela própria assinatura. Alguns detalhes específicos são fatores importantes, pois remetem a uma orientação como, por exemplo, a data e o local em que foram escritas. Além disso, elas possuem a função do imediatismo, pois o instante vivido coincide com o que está sendo descrito.

Alguns aspectos também verificados por Neto (2009):

As cartas são importantes registros sócio-culturais, na medida em que contemplam espontaneamente a linguagem, hábitos corriqueiros, pensamentos e fatos cotidianos de um determinado grupo, em uma determinada situação temporal. (NETO, 2009, p. 64).

De acordo com Foucault (1992, p.149), “a carta faz o escritor ‘presente’ àquele a quem a dirige.” E tal presentificação se dá como uma troca de olhares, uma metáfora que ele utiliza para evidenciar a comunicação entre destinatário e remetente.

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. (FOUCAULT, 1992, p. 150).

As palavras da mãe, logo no prefácio do livro, relatam como Nelson reagiu ao saber que o pai tinha sido preso. Primeiramente, tentaram ocultar o fato, dizendo que Joel havia viajado a trabalho, mas conforme o tempo foi passando, decidiram contar a verdade. A dor foi inevitável

que Nelson se escondeu embaixo da cama abraçando a gaiola com seu passarinho. Após algum tempo, a situação foi sendo controlada e a saudade amenizada pelas visitas e pelas cartas. E tais cartas, guardadas pela mãe Teresa, possibilitaram que fossem reunidas e publicadas anos depois: “Guardei-as todas, as que chegaram – previamente lidas, censuradas e carimbadas – porque eram uma parte da história de vida do meu filho e do país em que vivemos” (SANTOS, 2000, p.7).

Outro elemento paratextual que merece destaque é “Aba cheia de estrelas” de Thiago de Mello, poeta, que fala que as cartas de Joel são de amor, “precisamente pelo pecado de amar o Brasil e a verdade de sua história”.

Ele revela uma frase marcante escrita por Joel em uma carta para o amigo, enquanto padecia no cárcere, “Thiago, faço questão de te dizer que me lavei daquelas aderências”. Ao descrever tal situação, percebe-se a necessidade do autor em conseguir se desprender de qualquer impressão ou sequela psicológica que a prisão poderia lhe causar.

E Mello, ainda complementa, dirigindo-se ao leitor que o livro “pode lavar das aderências de enganos que nos fazem danos à vida, ferem a nossa inteligência e mancham a infância que lateja no peito do homem”. O maior receio apontado pelo pai é como revelar que está preso, mas não é um criminoso, de modo que, não assuste e poupe o filho do sofrimento. No intuito de não perder o laço e também participar do crescimento de Nelson, ele resolve restabelecer a ligação por intermédio de cartas.

Pode-se notar, logo na primeira carta, que ele explica ao filho o porquê de sua prisão e reafirma a convicção nos seus ideais:

Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte do Brasil, trabalhar. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. [...] Eu acho que tenho razão. As aulas que dei, as histórias que eu contei e as coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais – eu acho que são coisas certas. O governo não acha. (SANTOS, 2000, p. 9).

Em várias cartas descreve como é a sua vida dentro da prisão, os afazeres e as atividades que pratica. Por meio da linguagem o autor conta fatos a Nelson, recriando o presídio como um local imaginário e, de certa forma, harmonioso:

Nós mesmos fazemos nossa comida. Eu sei cozinhar, como você sabe embora não tenha muita experiência. Jogamos bola na terça-feira, na quarta-feira e na sexta. [...] De dia, a gente lê, estuda e trabalha. Estou aprendendo a fazer uma porção de coisas bacanas: bolsas, colares, canetas encapadas, chinelos etc. [...] De noite, cantamos e assistimos à televisão. (SANTOS, 2000, p. 11).

Em outra ocasião, também relata o que é comum no ambiente carcerário, fotografias de parentes que são coladas na parede e cita termos típicos utilizados nesse meio:

Nelson, será que você pode me mandar mais fotografias suas? Eu quero encher a minha cama com retratos seus. Sabe como se chama cama, aqui? Se chama mocó. Aqui tem uma porção de coisas com nomes diferentes. Cada vez que eu te escrever, mandarei dizer os nomes das coisas diferentes. (SANTOS, 2000, p. 19).

É interessante destacar uma passagem do livro de Goffman (1961) em que ele faz uma comparação entre o preso comum e um inglês de classe média superior, ambos sofrem a privação prevista da administração, porém cada um se comporta diferente diante dessa situação, a prisão e o isolamento para o inglês têm um sentido não previsto:

Durante as cinco primeiras semanas de minha prisão, com a exceção de duas horas de trabalho pela manhã e a tarde, e dos períodos de exercício, ficava trancado em minha cela, felizmente sozinho. Quase todos temiam as longas horas em que ficavam trancados. Mas, depois de certo tempo, passei a esperar o período de isolamento como urna benção [...] A maior parte dessas horas de solidão eu passava em leitura. (HECKSTALL - SMITH, 1954, p.34 *apud* GOFFMAN, 1961, p. 156).

Semelhante comportamento pode ser verificado pelo narrador de *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, pois além de desempenhar suas tarefas, não abandona o hábito de escrever cartas ao filho ou, então, a tarefa de escrever um livro. Nesse caso, pode-se notar que letrados ou intelectuais que são, por exemplo, presos políticos, tem outra postura, na maioria das vezes, antagônica daqueles que transgrediram a lei por estarem associados à criminalidade e à violência.

Dando prosseguimento à análise das cartas, observa-se que o autor utiliza sua imaginação e a memória para contar histórias como de Zumbi dos Palmares, ilustrando com desenhos, o Velho e o Mar de Ernest Hemingway, o nascimento de Jesus, a lenda de Iemanjá e reconta outras que aprendeu com sua avó como a dos gatos maltês e angorá que queriam dividir um queijo e chamaram o macaco para ser o juiz, além de histórias inventadas como o gato que comia escondido do dono, o lobo e o roceiro mal agradecidos e os amigos no cemitério.

Cabe salientar Benjamin (1987, p. 205) quando afirma que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”. O ato de recontar histórias é no intuito de preservá-las na memória tanto de quem narra como quem ouve atentamente. E ele complementa que “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.” Em outra passagem, ressalta também que “a relação ingênua entre ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado” (BENJAMIN, 1987, p. 210), e afirma que as narrativas que não apresentam as “sutilezas psicológicas”, mais a história permanecerá na memória do ouvinte e maior a possibilidade dele recontá-la.

Santos utiliza outros recursos como recortes de figuras e lugares históricos, postais antigos e atuais (1973) do Rio de Janeiro, sua terra natal. Em vários trechos, evidencia a saudade da sua terra, descrevendo o Pão-de-açúcar, praias, bondes e, em alguns casos, também faz desenhos.

As cartas são coloridas e ricas em figuras. Ele faz questão de escrever com as canetinhas que foram presentes do filho Nelson. Tudo isso, permite que ele se aproxime do mundo infantil e lúdico e, desse modo, desperte a atenção do filho. Para o próprio autor, as cartas tornam-se uma forma de se distanciar do local no qual está inserido e alcançar um lugar mais próximo do filho.

Vieira ressalta que foram as cartas para o filho que despertaram Joel para a escrita de livros infanto-juvenis. Foi no intuito de estabelecer relações de reciprocidade que Joel estreia na vida literária. “À medida que escrevia ao filho, construía o seu mundo interior e, dentro dele, descobria a alma da história.” (VIEIRA, 2010, p. 7).

Percebe-se que nessa narrativa há uma delicadeza na forma de expressar seus sentimentos, bem como uma sutileza na linguagem que emprega. O autor consegue suplantar o sofrimento e a angústia diante da situação de cárcere ao externalizar seu amor pelo filho.

Além disso, os vários artifícios utilizados na escrita e na linguagem tornam o relato mais brando sobre o seu período carcerário. Ele tenta camuflar a realidade, transformando a prisão em um lugar menos inóspito e sombrio. Ao descrever o ambiente, por exemplo, em nenhum momento ele se refere às palavras presídio ou cela, mas sim em quartos numerados, parecendo mais um hóspede em uma colônia de férias. Isso se torna extremamente justificável quando o receptor da mensagem é uma criança, pois mostrar a realidade com toda a sua deformidade e nuances não seria apropriado e nem relevante sob a ótica infantil.

Em uma entrevista concedida à revista *Presença Pedagógica*, o autor retrata que o principal objetivo das cartas eram manter o vínculo com o filho “[...] A maquiagem (alguém o chamou de ‘A vida é bela’ dos pobres) e a omissão se justificam. Não conto nada além do que servia ao objetivo: a ligação com meu filho.” (SANTOS, 2005, p. 9).

Nota-se também a preocupação constante de um pai zeloso com aquilo que o filho está vendo e ouvindo, critica alguns programas de televisão, pois considera inapropriado para crianças e, em outros momentos, recomenda indicações de leitura.

Pede que o filho lhe escreva cartas, traga fotos, cadernos e desenhos o que possibilita, desse modo, acompanhar o desenvolvimento e firmar essa proximidade.

- 1º) escreva para mim, uma carta grande, contando muita coisa de você. Eu quero saber de tudo o que faz e pensa.
- 2º) nesta carta, mande os nomes dos seus principais amigos, pois tenho um presente para eles; mas preciso dos nomes deles.
- 3º) mande todas as fotografias que você puder. No meu quarto tem um lugar para cada pessoa colar seus retratos. Eu quero ter o maior número.
- 4º) mande alguns cadernos velhos seus, para eu ler e guardar.
- 5º) mande alguns desenhos seus, para eu decorar o nosso quarto aqui. (SANTOS, 2000, p. 13).

E cada vez mais a saudade se afirma como uma forma de não esquecimento:

Hoje é 2º feira. E até agora eu estou alegre pela sua visita. Eu estava com bastante saudade de você – pois a sua visita deu pra matar um pouquinho esta saudade. Agora, estou esperando que você me escreva uma cartinha. (SANTOS, 2000, p. 35).

Com a privação da liberdade, é comum que os dias sejam pontuados e contados constantemente no calendário, tanto para as visitas como para o aniversário do filho e, enfim, para a sua saída:

Nelsinho, meu querido e amado. Está chegando o dia 30 de setembro, dia de você me visitar. Não sendo este sábado, que é dia 22, será no outro. Espero que você possa vir, pois eu quero abraçar e beijar você muitas vezes. (SANTOS, 2000, p. 69).

Neste outro fragmento, o autor anseia pela liberdade, pois tamanha é a vontade de rever sua família:

Há 4 dias estou pensando em escrever pra vocês. Uma saudade forte e repentina de vocês dois, mas, sempre, na hora de pegar a caneta – as canetas de todas as cores que Nelson me deu – desanimo. É que está chegando a hora de eu ir embora em quanto mais perto chega, mais eu só penso em ir. (SANTOS, 2000, p. 113).

Em uma das cartas datada de 9 de julho de 1973, a mesma que ilustra a capa do livro, remete a um diálogo em que o filho diz não acreditar em fantasmas. Joel diz que também não acredita, mas por brincadeira faz todo um movimento na carta como se um fantasma estivesse puxando o papel, evidenciando esse tom mágico e lúdico. Explicita uma frase em inglês, pois sabe que o filho está estudando o idioma. No fim, novamente, reafirma a saudade do Rio de Janeiro e cita alguns bairros e cidades vizinhas, ressaltando o que mais lhe agrada em cada um deles, inclusive diz que gosta “até dos mosquitos” de Muriqui, o que dá um tom alegre e divertido à carta. Todas as cartas apresentam o carimbo do presídio que realçam esse contraste entre a inocência e o encanto que expressam as cartas coloridas e a condição fria e objetiva marcada pelo carimbo que lembra o instituto prisional.

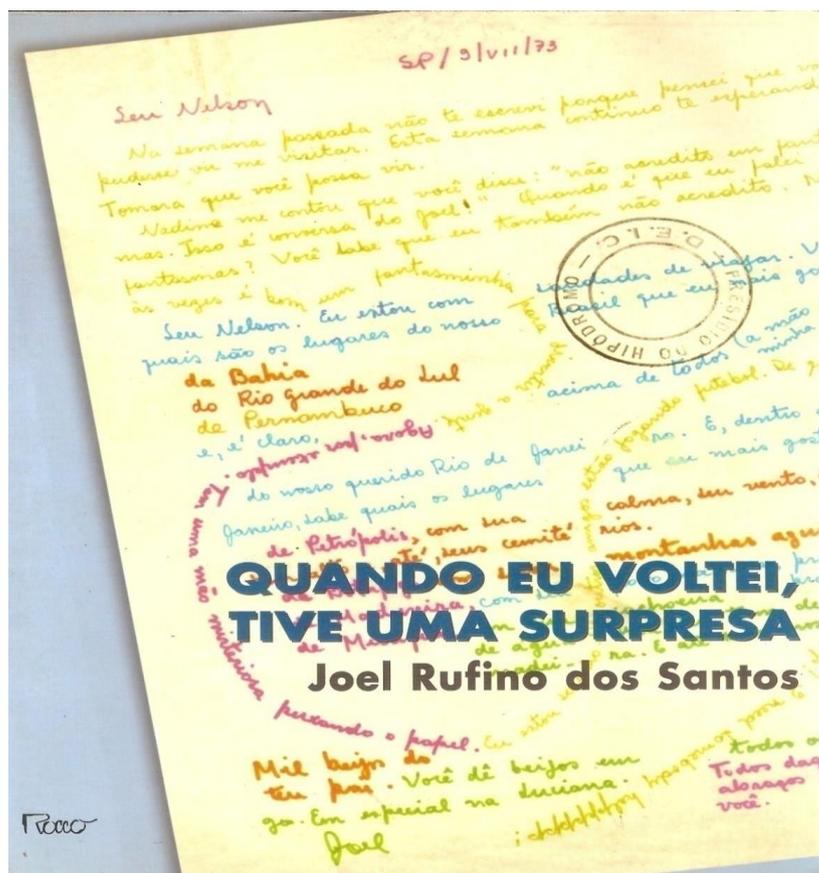


Imagem: capa do livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa* (2000).

É interessante ressaltar que na última carta ele explica como foi o encontro com o juiz. No encontro ele fala que vai continuar mantendo as mesmas opiniões, porém não será contra o governo, porque quer a liberdade para poder ficar ao lado do seu filho.

Tal obra vem contrapor, de certo modo, o que diz Benjamin (1987, p. 200), pois para ele “dar conselhos parece hoje algo antiquado, porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis”. Na obra *Quando eu voltei, tive uma surpresa* o narrador consegue ultrapassar esse limite e sua obra se configura em uma “dimensão utilitária”, porque as cartas aproximam de um universo da tradição oral, além disso, transmite ensinamentos ou conselhos para o filho, utilizando a sabedoria.

Na perspectiva benjaminiana, pode-se associar esse narrador ao “narrador camponês”, porque mesmo sem conhecer outros lugares, ele consegue transmitir suas experiências, segundo palavras do autor (BENJAMIN, 1987, p. 198-199), “escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.” E

complementa que “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação”, nesse caso, não se quer transmitir como uma forma de informação ou relatório, mas sim na “qualidade daquilo que viveu ou na qualidade de quem as relata” (BENJAMIN, 1987, p. 205). Pode-se salientar que as cartas atreladas ao uso de imagens visuais estabelecem essa comunicação como uma “forma artesanal”.

Pode-se verificar que na literatura de testemunho torna-se difícil o ato de narrar, pois é inenarrável (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67), a linguagem acaba sendo insuficiente para dar conta do que ocorreu, isso acontece também nessa obra, porém por outro viés, o autor utiliza a representação por meio do conteúdo imagético, porque o leitor/ouvinte é uma criança. Cabe a compreensão e a sensibilidade do pai em poupar o filho das mazelas e agruras de uma prisão. O trauma, nesse caso, está associado ao fato de estar longe e, conseqüentemente, não acompanhar o desenvolvimento do filho. Uma de suas preocupações é que a falta da figura paterna cause sofrimento em Nelson.

Para isso, Santos, como preso político, utiliza a imaginação histórica no sentido de preencher esse vazio causado pela ausência do filho e, por meio dela, o trauma pode ser narrado.

Conforme explicita Seligmann-Silva (2008):

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para a sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.70).

Seligmann-Silva (2010) evidencia a importância do testemunho tanto para se estabelecer justiça como para a construção de um Estado mais justo e democrático.

O testemunho pode, justamente, servir de caminho para a construção de uma nova identidade pós-catástrofe. A uma era de violência e de acúmulo de crimes contra a humanidade corresponde também uma nova cultura do testemunho. O testemunho tanto artístico/literário como o jurídico pode servir para se fazer um novo espaço político para além dos traumas que serviram tanto para esfacelar a sociedade como para construir novos laços políticos. Esta *passagem pelo testemunho* é, portanto, fundamental tanto para indivíduos que vivenciaram experiências-limite, como para sociedades pós-ditadura. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 10).

Na entrevista à revista *Democracia Viva*, Santos explica os motivos que levaram à publicação do seu livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, em que afirma o caráter de testemunho da obra e demonstra que o período da ditadura afetou a vida de toda uma família.

[...] em primeiro lugar, que é um documento desse medo que qualquer pai tem de perder o filho, até quando há uma separação mesmo, sem ter motivo extra. E, em segundo, as cartas são testemunhos do efeito da repressão sobre uma família, sobre um pai, um menino. (SANTOS, 2010, p. 26).

É importante destacar que a narração da experiência na escrita das memórias é realizada após o ocorrido, já as cartas são marcadas por seu imediatismo, no instante em que o fato é vivido ele está sendo transcrito. Nesse caso, a questão temporal determina a diferenciação entre cartas e memórias. A manifestação da memória mais recorrente no livro se apresenta com as recordações da infância, a saudade do Rio de Janeiro e, principalmente, a mais abrangente, a saudade de seu filho.

Segundo palavras do próprio autor sua obra não se revela como “memórias do cárcere”, porque essas narrativas não conseguem ser completamente verdadeiras e nem expor os reais dramas de quem passa por essa experiência:

Não pretendo escrever “memórias do cárcere”, embora aqui e ali rememore alguns episódios daquela experiência. Memórias desse tipo vêm filtradas, não são profundamente verdadeiras. O memorialista “esconde” suas covardias, seus medos, não consegue transmitir a terrível solidão do torturado, o misto de orgulho e desânimo que sofre. Acabam falsas. (SANTOS, 2005, p. 9).

Seguindo as questões apontadas por Sarlo (2007), observa-se na obra de Santos que a narração de sua experiência liga-se a um corpo e uma voz, a uma presença efetiva do sujeito na cena do passado. O testemunho depende da experiência e essa não existe sem a narração, é a linguagem que exprime a experiência e a transforma como comunicável, no campo do comum. O narrador teve uma experiência que contém um saber e, para isso, deve ser posto em narração, porque tem um compromisso ético com a verdade.

No final do livro há uma cronologia dos eventos, dos presidentes e suas principais ações durante a ditadura, correlacionando os anos com o percurso de Joel, Teresa e Nelson, bem como os fatos que marcaram a vida de uma família. Em 1973, Joel é torturado e ameaçam trazer Teresa e Nelson para serem torturados também. Joel é condenado pela Justiça Militar a quatro anos de

prisão, reformado para dois anos. Começa a cumprir pena no presídio Tiradentes, transferido depois para o presídio do Hipódromo de onde são escritas as cartas para Nelson.

Mesmo que a obra não se enquadre em uma denúncia expressa que, geralmente, contempla a literatura de cárcere, Santos imprime a condição de superioridade ao externalizar, por meio do simbólico, suas experiências na prisão, pois revela uma memória individual que também acaba se tornando coletiva, além de ser uma personagem que representa uma “memória social e histórica”. Ele passa pela experiência da ditadura, sobrevive e conta sua história, de certa forma, impede que tal período se perca no esquecimento.

Essa revalorização da primeira pessoa pressupõe a confiança no que se narra, dando ao testemunho um status de verdade ou um recurso para a reconstituição do passado denominada por Sarlo (2007, p. 19) de guinada subjetiva em que “se narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada”.

Além disso, ela afirma que o testemunho das vítimas foi algo indispensável que contribuiu para a instalação de regimes democráticos e por uma necessidade de reparação e justiça, não se limitando apenas à esfera jurídica, mas também operando “cultural e ideologicamente” (SARLO, 2007, p. 24).

O testemunho possibilitou também a denúncia e a condenação dos atos de terrorismo praticados pelo Estado. E a memória, mesmo sendo algo conflituoso, entre aqueles que mantêm a lembrança desse período e propõem deixar o passado para trás e aqueles que afirmam que esse campo deve permanecer juridicamente aberto e o que aconteceu deve ser ensinado, divulgado a começar pela escola, para que fatos como esses não se repitam.

Santos ao contar histórias e recriar o ambiente na visão do filho, de certa forma, tenta assimilar e entender o que aconteceu e consegue transformar essa experiência individual em comunicável, capaz de dar sentido a experiência e, assim poder reparar o dano sofrido, uma ideologia da “cura identitária” por meio da memória social ou pessoal.

Cabe destacar, ainda, que é preciso levar em conta a existência de elementos extratextuais para a condição de veracidade do testemunho, conforme orienta a teórica “todo testemunho quer ser acreditado, mas nem sempre traz em si mesmo as provas pelas quais se podem comprovar sua veracidade; elas devem vir de fora.” (SARLO, 2007, p. 37). Nesse caso, ao situar o momento histórico da obra de Santos, pode-se observar que o Brasil estava sob o governo de Médici,

também denominado “anos de chumbo”, em que se constata que foi o período mais duro e repressivo da ditadura com o aumento da censura e das perseguições políticas.

Após análise de diversos teóricos e abordagem sob vários aspectos, pode-se ressaltar que a obra *Quando eu voltei, tive uma surpresa* é um relato de quem, além de ser privado da liberdade, teve de lidar com a ausência do filho, como demonstram as palavras do autor sobre seu livro, “é um depoimento, digamos, universal, para quaisquer pais e filhos ameaçados de separação” (SANTOS, 2005, p. 9) e, acima de tudo, é uma manifestação evidente de carinho. As cartas são ricas em pureza e sensibilidade e tem a finalidade de evitar precoces decepções e, por meio da imaginação, tornar a realidade traduzível aos olhos de uma criança.

Mesmo tendo o direcionamento a um leitor específico, a obra traz, dentre outros, um importante ensinamento, permite compreender que a ausência física não anula ou extingue o sentimento, é a comunicação que promove a aproximação, materializado, nesse caso, pelas cartas que ultrapassam as grades que isolam o narrador do mundo exterior e possibilitam o contato com as pessoas que lhe são estimadas.

Referências

- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. Sobre o Conceito de História. In: _____. *Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FOUCAULT, Michael. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1961.
- NETO, Rosana de Mont'Alverne. *Correspondências do cárcere: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros*. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-84PJD5>>. Acesso em: 10 de set. 2011.
- PERES, Ciomara Breder. *Remexendo cartas novas e velhas, encontrando o inesperado: Uma análise comparativa de Mariana, Ovídio e as Três Marias*. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2903.htm>. Acesso em: 10 de set. de 2011.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Entrevista Joel Rufino*. Democracia Viva, São Paulo, n.33, p. 20-33, jan. 2010. Disponível em: <[www.ibase.br/userimages/dv_ibase_44_entrevista\(20-33\).pdf](http://www.ibase.br/userimages/dv_ibase_44_entrevista(20-33).pdf)>. Acesso em: 10 de set. 2011.
- _____. *Quando eu voltei, tive uma surpresa: cartas para Nelson*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Leitores se formam nas escolas em que há sincera afeição pela literatura*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n. 65, v.11, p. 5-12, set./out. 2005. Disponível em: <<http://www.presencapedagogica.com.br/capa2/entrevistas/65.htm>>. Acesso em 15 de out. 2011.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São. Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos das catástrofes históricas*. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05> >. Acesso em: 10 de ago 2011.

_____. *O local do testemunho*. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1894/1532>>. Acesso em: 10 de ago 2011.

VIEIRA, Cleber Santos. *História, literatura e a imaginação histórica de Joel Rufino*. Disponível em: < http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD_XX_Encontro/PDF/Autores_e_Artigos/Cleber_Santos_Vieira.pdf >. Acesso em: 10 de ago 2011.

Rebeca Bulcão da Silva

Mestra em Letras na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal de Pelotas e possui graduação em Letras com habilitação em Português e Literaturas da língua portuguesa pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: rebulcao@bol.com.br

Recebido em 30 de março de 2015.

Aceito em 30 de abril de 2015.